

# CESÁRIO VERDE OU UM UNIVERSO DE SIGNOS

Rodrigo da Costa Araujo

FAFIMA

Resenha de SANTOS, Valci Vieira dos. *Campo e cidade na poesia de Cesário Verde*. Vila Velha: Opção Editora, 2010.

Se a leitura do espaço, toda e qualquer, permite apenas aproximações, barrando a pretensão totalizante, talvez o livro *Campo e cidade na poesia de Cesário Verde*, de Valci Vieira dos Santos, confirme que brincar de metáforas possa ser uma aventura fascinante, fornecendo pistas pelas quais a leitura poética se processa. O resultado: visualidades, sutilezas, imagens poéticas, deambulações.

Para tal, no exercício do pesquisador, evoca-se o poeta português Cesário Verde (1855-1886) e alude-se a dois eixos como metodologia de leitura – o campo e a cidade –, desenhando anotações de matizes diversos, como quem olha verdadeiramente uma plasticidade inovadora e singular. Dessas aproximações nos valem para a tentativa de escrever visualidades, imagens, estabelecer jogos de analogias na leitura da cidade e do campo.

É a marca da plasticidade que Cesário Verde dá a seus poemas que leva o professor Valci a elegê-los como estratégias para leituras desses dois recortes, articulando internamente conceitos e transformando-os em instrumentos de reflexões teóricas e culturais. Reforça-se o grau de encenação e plasticidade que constrói o cenário poético da obra, da cidade e do campo nela representados.

Os dois aspectos explorados por Valci, em seu livro, sugerem, pelo processo de analogias, várias metáforas de leituras espaciais na poesia do poeta português. Desenhar a cidade ou o campo, neste sentido, é como desenhar rascunhos, imagens, deambulações. Mas para desenhá-los é preciso observá-los, conhecê-los, caminhar por eles. Algumas vezes, no entanto, esse processo não se torna fácil, pois tanto o sujeito lírico quanto a cidade ou o campo surgem em movimento, ocupam lugares descentrados, e o ponto de vista do desenhista é, também, móvel, fugidio. Para conhecê-los, tem-se que esperar que eles estejam ao alcance. É impossível totalmente o hoje dele/dela ou entender a cena apenas atual. Ambos estão em processo nesse jogo. Como apreender com contornos precisos o campo e a cidade? Valci Vieira perceberá que só domesticados poderá um dia conhecê-los. Se já existe um retrato anterior que os tenha

crystalizado, as imagens que o sustentam são precárias: um movimento qualquer rompe o equilíbrio.

Esta leitura crítica, portanto, confirma que é difícil desenhá-los na extrema atualidade. Eles ocupam da poética cesarina espaços vários, cenas, movimentos incessantes. Como fixá-los, se crescem em mecanismos diversos? A cidade e o campo só podem ser olhados em perspectivas múltiplas, algumas vezes, simultâneas. Variações de ponto de vista e do objeto observado gerariam um quadro impressionista, feito os tons que dão vida e substância aos quadros de Renoir, segundo a leitura de Valci (p. 91).

Nesse caso, chama a atenção do estudioso a linguagem pictórica nos poemas cesarinos que retomam signos do mundo das artes plásticas, tais como: quadro, pintura, cor, aquarela, tinta e tantos outros, aliados à composição de versos e estrofes que dão forma a quadros de pintores que vão desde a arte barroca à modernidade. Pintando cenas, estabelecendo recortes, o artista ou poeta-pintor-esteta parece integrar-se nos quadros naturais que o cercam e que ele representa na euforia de uma escritura plástica, de uma poesia que sugere cenas de realismo imediato e, como que já delas distanciadas, transmitem, no canto lírico, o isolamento de realidades mediatas para além de um mundo físico em que se vive.

A cidade e o campo, enquanto pinturas, nesse caso, por serem dramatizados em cenas por um olhar prismático, são considerados textualidades. Podem-se ler os dois de modo descontínuo, aos saltos, em movimento entre pintura e poesia, escrita e subjetividade, fazendo, ao mesmo tempo, a leitura se ramificar em diversas direções em sua dispersão. Nesse processo operatório, Valci, pela poesia cesarina, desdobrou a sintaxe da superfície poética, fazendo as significações potenciais e afastadas se relacionarem e estabelecerem diferentes direções significantes. Por esse viés, é possível abrir pistas para suplementos e acréscimos a partir dos veios abertos na tessitura do poeta português. Tais caminhos possibilitaram examinar a exterioridade, os cruzamentos e as relações que constituem a poesia como superfície-plana, labiríntica ou como exercício estético do olhar.

Nesse caso, podem-se oferecer esboços do desenho da cidade, lendo-se textos que leem a Lisboa e já são, pois, interpretação. Pelas mãos de Valci, elaboram-se, assim, interpretações de interpretação. *Campo e cidade na poesia de Cesário Verde* é um livro-método que possibilita ler o espaço como representação por meio de um discurso mediatizado, que não inviabiliza, contudo, retornar à realidade observável do espaço como construção poética (a Lisboa, por exemplo), que é semiotizada pela linguagem.

O livro de Valci não se organiza como um tratado de filosofia ou formas de ler espaços, pelo contrário, ele propõe leituras plurais e inesgotáveis, cujos trajetos são arquitetados entre lugares e tempo, escrita e subjetividade, poesia e imagem. Cesário

Verde, o viajante, comenta cenas de forma inaugural nas trilhas percorridas. Assume uma voz que brame o canto diferente, anunciando uma modernidade, mas geralmente despercebido por aqueles que se deixam contagiar somente pelo olhar que capta.

Com um estilo arejado e uma grande capacidade de traduzir suas leituras e recortes em capítulos significativos, concisos, porém algumas vezes densos, esse livro – que antes foi uma dissertação de mestrado –, cria conexões invisíveis e multiplica as imagens sem destituí-las de seu significado, ao contrário, essa multiplicação pela escrita de Valci opera uma riqueza de significados que deixa sempre traços da memória cesarina no leitor. A leitura desse livro sugere, de um jeito ou de outro, que além de operar cruzamentos de poesia e espaço, devemos ler essas representações como forma aberta, em redes significativas de procedimentos poéticos e exercícios em movimento. Como algum recado que anuncia uma leitura em labirintos, feito ofertas engenhosamente modeladas e multiplicadas na pós-modernidade.

Brincar de metáforas, ler recortes e representações do espaço na poética cesarina são estratégias em que, sem perder o rigor, Valci Vieira dos Santos soube conjugar aos jogos de linguagem a passagem da metáfora ao conceito. Ela, a metáfora, deixa de ser apenas uma figura retórica para ganhar força operatória nesse livro. Na força lúdica da metáfora-conceito, o crítico trabalha a linguagem e a atividade do leitor; afinal, ele mesmo é seu leitor, absorvido pelo universo dos signos da lírica do poeta-esteta.

#### **MINICURRÍCULO:**

Rodrigo da Costa Araujo é doutorando em Literatura Comparada pela Universidade Federal Fluminense (UFF), mestre em Ciência da Arte também pela UFF, professor de Teoria da Literatura, Literatura Infantojuvenil e Arte Educação dos cursos de Letras e Pedagogia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Macaé (FAFIMA). É ainda coautor de duas coletâneas – *Literatura e interfaces* e *Leituras em educação* –, lançadas recentemente pela Editora Opção.